

## Identidades em movimento: Hermione e a *Pedra Filosofal*

Amanda Padilha Pieta<sup>1</sup>  
Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira<sup>2</sup>

**Resumo:** Hermione Granger é uma das personagens mais queridas dos leitores da série *Harry Potter*. Caracterizada, principalmente, pela sua dedicação aos estudos, a jovem bruxa é a melhor amiga do protagonista Harry e do colega Rony Weasley, que juntos vivem inúmeras aventuras ao longo da série. Devido à grande popularidade dessa personagem feminina, dentro de um universo mágico majoritariamente masculino, o objetivo deste artigo é elencar possíveis representações de Hermione no primeiro livro da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), refletindo sobre como elas colaboram para constituir os primeiros contornos da(s) identidade(s) da personagem. A partir do método hermenêutico, foram utilizadas as bases teóricas dos Estudos Culturais por Raymond Williams (2007) e Terry Eagleton (2000; 2006) para relacionar o conceito de cultura com o de identidade pós-moderna, definido por Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (2005). Além disso, as noções de gênero de Joan Scott (1995) e Linda Nicholson (2000) foram trazidas juntamente com as análises de Dresang (2002) para compreender como se dão as relações de poder e de diferenciação sexual na sociedade bruxa em *Harry Potter*, a partir da personagem Hermione.

**Palavras-chave:** Personagem, Gênero, Identidade, Representação, Cultura.

### Era uma vez...

A série literária de ficção *Harry Potter* nasceu em 1997, na Inglaterra, por meio da escritora Joanne Kathleen Rowling, comercializada originalmente pela Editora Bloomsbury e sendo traduzida no Brasil três anos depois pela Editora Rocco. Harry Potter é um menino que em seu aniversário de onze anos descobre que é filho órfão de dois bruxos e, por isso, também

---

<sup>1</sup> Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (2016), pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e Mestre em Letras (Interfaces entre Língua e Literatura) pela mesma universidade (2019). Suas áreas de interesse para pesquisa são Literatura, Gênero e Cultura.

<sup>2</sup> Pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. É Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro-PR). Autora do livro “A Escrita de Mulheres na Pós-modernidade e a Desconstrução do Cânone Literário”.

possui poderes mágicos. Na escola inglesa de magia e bruxaria de Hogwarts, ele conhece os amigos Hermione Granger e Rony Weasley, que embarcam com ele em diversas aventuras ao longo da série na tentativa de derrotar o vilão Lord Voldemort e impedir o avanço das Artes das Trevas.

Considerando que “o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar nossa própria mente e sentimentos e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 2011, p.179) e que, por isso, ela e outras formas de contato com produções culturais são fatores que contribuem para a formação identitária dos sujeitos, vislumbramos *Harry Potter* por esses caminhos. A teoria aponta que “o texto literário não mantém uma relação de referência com o 'mundo'”, sendo que esse “discurso literário não pode ser verdadeiro ou falso, mas sim, não pode ser válido mais que com relação a suas próprias premissas” (TODOROV, 1998, p.14). No entanto, precisamos lembrar que mesmo assim ele trará, de alguma forma, traços sociais, históricos e culturais em seu universo fantasioso e que estes serão absorvidos e interpretados pelas mentes dos leitores. Em *Harry Potter*, o universo mágico e o “trouxa”<sup>3</sup> coexistem e apresentam algumas práticas sociais em comum. Isso faz com que o leitor perceba pontos convergentes e promova um processo identificatório com alguns temas pertinentes e presentes na intersecção entre os dois “mundos”, pois

o ficcional funciona como plausível para a narrativa ao fazer um paralelo (mas não representando tal qual) com a realidade: (...) em Hogwarts e em outros espaços sociais mágicos, existem indivíduos egocêntricos, preconceituosos e ambiciosos. Assim, pela duplicação dessa crítica nos espaços, a narrativa atua como um espelho que reflete as características presentes no individualismo da sociedade de consumo (FERREIRA, 2015, p.113)

Partindo desse paralelo, esse texto propõe uma discussão acerca de valores sociais e morais atribuídos a uma figura historicamente estigmatizada na sociedade: a mulher, neste caso, a partir da personagem feminina de maior protagonismo na série – a colega e melhor amiga de Harry, Hermione Granger. Em 2011, a editora Bloomsbury lançou uma enquete para que os fãs escolhessem qual o seu personagem favorito da história de Rowling. Mais de 70 mil votos recebidos classificaram o professor Severo Snape como vencedor - com 20% dos votos -, e colocaram Hermione em segundo lugar, na frente de personagens como o padrinho

---

<sup>3</sup> Trouxa” é o termo – na tradução brasileira - utilizado na série Harry Potter para designar as pessoas não dotadas de poderes mágicos. No texto original em inglês o termo é “muggle”.

do protagonista, Sirius Black (3º) e o próprio Harry<sup>4</sup> (4º). Devido à grande popularidade de Hermione, uma figura feminina dentro de um universo fantástico ficcional, em que a maioria é masculina, o objetivo deste artigo é elencar as possíveis representações de gênero manifestadas na personagem, observando como suas características, ações e seus diálogos colaboram para delinear os contornos de sua(s) identidade(s).

O recorte escolhido para este artigo se deterá apenas nas representações de Hermione no primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000). A partir do método hermenêutico de análise, foram utilizadas as bases teóricas dos Estudos Culturais (EC), observando os contornos dessa personagem no âmbito da ficção e percebendo a convergência e/ou divergência com os contextos sociais e culturais da sociedade, já que esse campo de estudos procura “lançar luz sobre como determinados traços da vida social, dentro de uma cultura específica, aparecem na obra literária, a partir das características poéticas que os manifestam” (BORDINI, 2006, p.13).

Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (2005) afirmam que a identidade pós-moderna é fluida e um processo em constante transformação. A constituição de personagens está ligada às identidades que elas apresentam, porém, sua fluidez e inconstância, de acordo com Antonio Candido (1968), tendem a ser um pouco menor do que a das pessoas, pelo fato de “viverem” em um universo um pouco mais limitado que o nosso – as páginas dos livros de seus enredos. Nesse estudo, o propósito dos Estudos Culturais de auxiliarem no entendimento de como os traços sociais aparecem em uma obra literária foi aproximado às noções de gênero de Joan Scott (1995) e Linda Nicholson (2000), juntamente com as análises de Eliza Dresang (2002), para compreender como se dão as relações entre poder e diferenciação sexual na sociedade bruxa, a partir da personagem Hermione.

## **Identidade feminina e seus contornos: cultura e gênero**

O termo cultura vem do latim *colere* que significa “habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração” (WILLIAMS, 2007, p. 117). Como metáfora, até meados do século XVIII era relacionada à civilidade, remetendo a um espírito cordial e às boas maneiras. Quando a

---

<sup>4</sup> Dados da reportagem do jornal britânico The Guardian, de agosto de 2011, disponível em <https://www.theguardian.com/childrens-books-site/2011/aug/30/snape-favourite-harry-potter-character>

analogia à civilização vai sendo abandonada a partir da conclusão de que a cultura é “matéria bem mais complexa, espiritual, crítica e mentalmente elevada” (EAGLETON, 2000, p. 22), começa-se a pensar nela como o cultivo das faculdades mentais e espirituais, alcançado através do contato com “as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística” (WILLIAMS, 2007, p. 121). Essa noção acabava elitizando o conceito, já que somente os indivíduos de classe social mais elevada tinham condições financeiras para aperfeiçoar suas capacidades mentais e artísticas frequentando concertos de música, visitando museus e recheando a biblioteca particular de livros novos.

Com o advento dos Estudos Culturais (EC), em meados de 1950, a noção de cultura começa a se expandir e passa a indicar “um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral” (WILLIAMS, 2007, p.121). Inicia-se uma revisão das estruturas sociais que definem centros e margens, passando, então, a dar valor à escrita de autores antes excluídos do cânone – mulheres, negros, pessoas de classes sociais mais baixas – e a temáticas e personagens antes invisibilizados, como as vivências das periferias. Raymond Williams, considerado o pai dos EC, propõe que a cultura seria, portanto, o resultado de práticas sociais que fornecem as bases para a criação e reprodução de significados e valores comuns a todos e que estes que não estão presentes apenas na materialidade de produções artísticas, mas em todas as relações sociais. A caracterização das obras de arte como práticas sociais significa que elas não são apenas uma estática representação das vivências de uma sociedade, mas também uma forma ativa e móvel de significação, por isso, “ao fazer análise literária, os procedimentos dos estudos de cultura vão indagar as condições de possibilidades históricas e sociais de considerar esse tipo de composição como literatura, e vão observar as condições de uma prática” (CEVASCO, 2003, p.149).

No âmbito dos EC, o conceito de identidade foi tomando uma posição cada vez mais central, ao passo que as rupturas espaciotemporais causadas pela globalização provocaram o que Stuart Hall (2004) chama de “crise de identidade. O sujeito pós-moderno é caracterizado por não possuir uma identidade fixa e permanente, pois, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2004, p. 13).

Além disso, o sujeito assume identidades diferentes para cada situação social – assim também são as personagens, como Hermione, que pode ser representada, por exemplo, da segurança ao medo, dependendo do contexto em que está inserida. Experimentamos identidades diversas, às vezes, até contraditórias, que disputam e nos empurram em diferentes direções. A transição de uma fase ‘sólida’ para uma fase ‘líquida’ da modernidade incide em nossos processos identitários, tornando-os voláteis, formando identidades incapazes de “manter a forma por muito tempo e, ao menos que sejam derramadas num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças” (BAUMAN, 2005, p.57).

Assim como as identidades das pessoas, as personagens também são abordadas da mesma “maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes” (CANDIDO, 1968, p.58). No caso de Hermione, a sua descrição incompleta começa pelo fato de que o narrador-observador dos enredos é onipresente e onisciente apenas a Harry, ou seja, ele segue a linha dos fatos de acordo com as ações e pensamentos do protagonista; portanto, a representação de Hermione é limitada pela maneira com que esse narrador a apresenta. “Dessa forma, quando o narrador onisciente se sente impelido a avaliar moralmente os fatos, focaliza o protagonista e funde sua voz com os pensamentos deste, de maneira que é uma voz conjunta a que emite juízos de valor sobre as condutas humanas descritas” (FERREIRA, 2015, p.125). A identidade das personagens literárias é tão múltipla e fluida quanto as nossas, a diferença é que, enquanto isso é imanente à nossa existência, na obra essa visão é criada e

racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim, que é na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a dimensão de complexidade e riqueza (CANDIDO, 1968, p.58)

A partir das características das personagens que nos são apresentadas, podemos variar relativamente a nossa interpretação – visto que este é um processo subjetivo que vai depender das condições históricas, sociais e culturais em que se encontra o leitor e como ele fará associações intertextuais a partir do que está lendo. No entanto, todo escritor preza por uma

“lógica da personagem” que delimita uma linha coerente para o modo de ser de cada uma delas, tornando-as conseqüentemente um pouco menos variáveis do que as pessoas reais. Segundo Candido (1968), o fato de o escritor escolher alguns elementos organizados de acordo com uma certa lógica de composição cria uma espécie de ilusão do ilimitado do caráter dessa personagem.

A identidade é um conceito muito discutido também nos Estudos de Gênero (EG), principalmente em torno da identificação – ou da desidentificação - dos sujeitos com as representações convencionalmente atribuídas ao feminino e ao masculino. Hall (2011) contextualiza que um dos descentramentos mais significativos das noções de sujeito decorre do início do Feminismo como movimento e crítica teórica nos anos 1960, que repensa o sujeito cartesiano e sociológico e questiona a distinção clássica entre o “privado” e o “público”, contestando os modelos tradicionais de família, sexualidade, trabalho, as pedagogias infantis e outras relações que sugerem a constituição de sujeitos “genereficados”.

Os Estudos de Gênero investigam a origem das práticas sociais marcadas pela diferença/exclusão que marginalizam a mulher e propõem o seu enraizamento na diversidade biológica entre os sexos. O determinismo biológico por muito tempo legitimou as diferenças sexuais como parâmetros para a divisão do trabalho, construindo modelos sociais para a mulher - geralmente associada à vida privada, ou seja, lar e filhos - e o homem – destinado à vida pública do trabalho e sustento familiar. Em *Harry Potter*, temos exemplos da reprodução desses modelos, como a família Weasley, que é sustentada pelo trabalho do pai Artur no Ministério da Magia enquanto a mãe Molly é responsável pelos cuidados do lar e de seus sete filhos. O sexismo também é representado no universo bruxo dentro das instituições: há exemplos da predominância masculina tanto no âmbito político - no quadro de funcionários e chefias do Ministério da Magia – quanto no educacional – com um corpo docente um pouco mais nivelado em Hogwarts, mas ainda com a predominância masculina em alguns elementos, por exemplo, na lista de materiais do primeiro ano de Harry, composta de oito livros, os quais têm como autores três mulheres e cinco homens (ROWLING, 2000, p. 61).

Observando a relação entre as práticas sociais sexistas e as representações de Hermione no universo fantástico de *Harry Potter*, este estudo foi guiado pelo conceito de gênero como categoria de análise, partindo do princípio de que os corpos são elaborados socialmente. Linda Nicholson (2000) explica que o “‘gênero’ sempre foi desenvolvido e é

sempre usado em oposição a ‘sexo’, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado” e “tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino” (p.9). O determinismo biológico, que colocava o sexo como parâmetro para definir papéis sociais tradicionais, aos poucos se transformou conceitualmente para a base sobre a qual os significados culturais são construídos. A historiadora Joan Scott (1995) discorre que o gênero “torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (...) uma categoria social imposta sobre corpos sexuados” (p. 75).

Mesmo como uma obra predominantemente do gênero literário maravilhoso<sup>5</sup>, o universo bruxo da série é descrito como um paralelo ao mundo “trouxa”, com algumas práticas e instituições comuns entre os dois contextos, embora apresentem particularidades diferentes: no universo mágico também existem famílias, governos, escolas, empresas, produções culturais, esportes, etc., e essas estruturas também funcionam a partir de sistemas hierárquicos que atribuem posições e funções sociais a cada sujeito dentro de cada grupo, colaborando para a constituição de suas identidades. No caso de Hermione, seu perfil identitário está ligado a algumas representações de gênero convencionalmente atribuídas aos sujeitos femininos, mas também a algumas subversões dos estereótipos de feminilidade.

*Enquanto conhecimento social que situa o indivíduo no mundo, as representações definem sua identidade social, no sentido de que sua subjetividade orienta seu agir no mundo, levando-o a se sujeitar ao seu próprio pensar, cujos limites se traçam nas condições socioculturais (ROCHA e BERNARDINO, 2013, p.38)*

## **A(s) Hermione(s): múltiplas identidades**

A popularidade de Hermione entre o público de *Harry Potter* é tão grande que frequentemente J.K. Rowling é questionada a respeito do porquê de o protagonista ser do sexo masculino. A autora explica, em entrevista transcrita no artigo da pesquisadora Eliza Dresang

---

<sup>5</sup> De acordo com o filósofo e linguística búlgaro Tzvetan Todorov (1998), quando um texto literário oferece algum acontecimento sobrenatural (gênero fantástico), o leitor precisa decidir se esse fato se trata de uma ilusão dos sentidos (gênero estranho) ou se ele é parte integrante de uma realidade regida por leis que desconhecemos (gênero maravilhoso). O leitor de *Harry Potter* admite as leis da magia como verdadeiras e válidas para aquele universo, por mais que elas não sejam condizentes com as leis naturais, pertencendo, portanto, predominantemente ao gênero maravilhoso.

(2002), que “Harry simplesmente ‘brotou’ inteiramente formado em sua mente e que o fato de ter desenvolvido uma Hermione tão indispensável para as aventuras da trama faz com que ela se sinta menos culpada de não ter colocado uma Harriet de vestido para protagonizar a série” (p.220, tradução nossa). Não é à toa que circulam na internet imagens de fãs segurando cartazes com os dizeres “Sem Hermione Harry teria morrido no primeiro livro”. As características que mais definem a personagem são inteligência, determinação, amizade e coragem. A garota faz da leitura e do conhecimento os seus principais aliados para o seu aperfeiçoamento em magia.

A escritora da série costuma destacar a importância da escolha dos nomes de seus personagens. Entre os três amigos bruxos – Harry, Rony e Hermione – a menina é a que tem o nome mais incomum, chamando nossa atenção. Na investigação do seu sentido, descobrimos que esse nome carrega uma herança representativa advinda da tradição mitológica e literária.

Pela etimologia, verifica-se que Hermione é uma derivação do nome Hermes, deus grego que possui diversos atributos, dentre eles a divindade da magia. Em uma análise da personagem sob a ótica do gênero, Dresang (2002) contextualiza que na mitologia grega, o nome Hermione também aparece como filha de Helena de Troia e Menelau, rei de Esparta, e é introduzida na literatura por Eurípides, em sua tragédia *Andrômaca* (425 a.C.). Ao longo dos séculos, o nome aparece nos *Contos de Inverno* (1611), de Shakespeare, no enredo de *Mulheres apaixonadas* (1920), do britânico D.H. Lawrence e no romance *HERmione* (1981), da estadunidense Hilda Doolittle.

As Hermiones da tradição literária possuem um ponto em comum: “têm as vidas controladas por homens ao seu redor, ainda que elas sejam mulheres fortes que usam a sua inteligência e posição social para procurar seu destino no mundo” (DRESANG, 2002, p.216, tradução nossa). Esses traços, também, manifestam-se na Hermione de Rowling, afinal “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente pelas sociedades que as leem” (EAGLETON, 2006, p.18). A Hermione bruxa age no contexto em que está inserida utilizando o saber como principal ferramenta para conquistar o empoderamento.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), Hermione aparece na trama ainda no trem em que viaja à escola de magia, quando encontra Harry e Rony em uma das cabines:

O menino sem o sapo estava de volta, mas desta vez vinha uma garota em sua companhia. Ela **já** estava usando as vestes novas de Hogwarts.  
- Alguém viu um sapo? Neville perdeu o dele - Tinha um tom de voz **mandão**, os cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes (ROWLING, 2000, p.94, grifo nosso)

A primeira descrição da personagem no enredo é rasa, mas importante para a lógica das representações posteriores atribuídas a ela na trama. Por organização ou ansiedade, ela já havia trocado as roupas comuns pelo uniforme da escola antes de todos e agora tentava ajudar um colega a achar o bicho de estimação. O adjetivo “mandão”, como primeira qualidade descrita de Hermione, causa certo impacto, afinal representa um comportamento incisivo com pessoas até então desconhecidas. A garota percebe que na ocasião Rony estava prestes a testar um feitiço e pede para assistir ao feito. O encantamento não funciona e ela dispara:

*- Você **tem certeza** de que esse feitiço está certo? - perguntou a menina - Bem, **não é muito bom** né? Experimentei alguns feitiços simples só para praticar e deram certo. **Ninguém na minha família é bruxo**, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de bruxaria que existe, me disseram. **Já sei de cor** todos os livros que nos mandaram comprar, é claro, só **espero que seja o suficiente**; aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são?  
Ela disse tudo isso muito **depressa** (ROWLING, 2000, p.94, grifo nosso)*

Hermione, logo de início, questiona o conhecimento em magia de Rony e, apesar de parecer uma atitude afrontosa ao completar que o feitiço não é bom, a garota legitima o seu posicionamento a partir do próprio conhecimento, afinal parece ciente de que não havia nada parecido em meio a todos os livros que ela já havia lido, nem entre os feitiços que já treinara até então. Mesmo com uma intensa – e até exagerada - dedicação aos estudos, a personagem não sente a total segurança de que está suficientemente preparada para adentrar ao mundo mágico. Essa excessiva cobrança pessoal é uma característica marcante da mulher moderna que, ao procurar um emprego, por exemplo, faz de tudo para se destacar, na tentativa de se sobressair em um mercado de trabalho ainda muito sexista em nossa sociedade.

A ansiedade em provar sua competência acompanha Hermione em todas as aulas da escola de magia posteriormente, quando é descrito nos livros, de forma até caricata, que todas as vezes que um professor faz uma pergunta à turma é a mão dela que se ergue primeiro no ar – às vezes a única – com a resposta na ponta da língua. O fato de Hermione ser descendente

de uma família “trouxa” parece ser um dos fatores que mais impulsionam sua compulsão pelos estudos – para compensar todos os anos sem saber da existência do universo mágico, a garota devora referências bibliográficas. O pertencimento a uma família não mágica é uma característica alvo de preconceito por parte de alguns bruxos, que estigmatizam essas pessoas como “sangue-ruins”.

A personalidade forte de Hermione incomoda - “Seja qual for a minha casa<sup>6</sup>, espero que ela não esteja lá”, comenta Rony (Ibidem, p.95) – fazendo com que os dois meninos na cabine do trem inicialmente a rejeitem, apesar de acabarem sendo selecionados para a mesma casa depois, a Grifinória, e tendo que conviver juntos. Hermione conquista ainda mais a inimizade dos garotos após reprimir algumas atitudes deles que infringiriam o regulamento da escola, fazendo com que os colegas a julguem como “metida e mandona” (Ibidem, p.143). O apego excessivo às regras é uma das características enfatizadas na personagem, moldando a imagem da estudante “certinha”. Em uma das aulas, Rony e Hermione são colocados como parceiros para treinar um novo feitiço. A menina corrige a pronúncia do encantamento dita por Rony, demonstrando a ele a forma certa e eficiente de se produzir o feitiço e, conseqüentemente, sendo elogiada pelo professor. Depois,

*Rony estava de muito **mal humor** na altura em que a aula terminou. - Não admira que **ninguém suporte** ela - disse a Harry quando procuravam chegar ao corredor - Francamente, ela é um **pesadelo**. Alguém deu um esbarrão em Harry ao passar. Era Hermione. Harry viu seu rosto de relance - e ficou assustado ao ver que ela estava **chorando**. - Acho que ela ouviu o que você disse (ROWLING, 2000, p. 150, grifo nosso)*

Constatamos que Rony é um personagem que não lida muito bem com críticas e correções. O garoto fica incomodado com os comentários de Hermione, e para extravasar esse sentimento chama a garota de insuportável e pesadelo. É comum nos depararmos com comportamentos desse caráter em nossa sociedade, geralmente movidos pela inveja quando alguém se destaca mais do que nós e, então, reagimos maldosamente, deturpando as qualidades da pessoa para diminuir o seu prestígio de alguma forma. Nesse trecho do enredo, a identidade de Hermione deixa transparecer que também existem fraquezas constituindo-a: a

---

<sup>6</sup> Os alunos novos de Hogwarts são divididos em quatro grupos (as casas) - Grifinória, Sonserina, Corvinal e Lufa-Lufa - sob o critério das características emocionais e intelectuais de cada um.

menina não aparece nas aulas seguintes, e durante o jantar os meninos ficam sabendo que ela passou o dia todo chorando no banheiro feminino.

À noite, um monstro trasgo invade o castelo de Hogwarts e Harry e Rony correm para avisar Hermione, quando descobrem que o monstro está indo justamente na direção dos banheiros. Quando a menina se depara com o trasgo, fica paralisada: “Hermione afundara no chão de tanto **medo**” (Ibidem, p.154, grifo nosso), descreve o narrador. Apesar de pertencer à casa de Grifinória, cujos membros têm a coragem como característica de destaque, a garota parece vacilar diante de algumas situações. Na primeira aula de voo, por exemplo, “Hermione Granger estava quase tão **nervosa** quanto Neville com a ideia de voar. Isto não era coisa que se aprendesse de cor em um livro - não que ela não tivesse tentado” (Ibidem, p.127, grifo nosso). Essa representação gera intensos debates entre o público de *Harry Potter* a respeito do porquê da personagem não ter sido escolhida para a casa de Corvinal, cuja principal característica é a inteligência. A própria Hermione parece duvidar da manifestação da coragem grifinória em si mesma:

- *Harry, você é um grande bruxo, sabe?*  
- *Não sou tão bom quanto você - disse Harry, muito sem graça, quando ela o largou.*  
- ***Eu! Livros! E inteligência!** Há coisas mais importantes, amizade e bravura e, ah, Harry, tenha cuidado!* (ROWLING, 2000, p.245)

A bravura é tradicionalmente - e por muito tempo foi exclusivamente – um estereótipo atribuído a personagens masculinos: nos contos de fada, por exemplo, os príncipes sempre enfrentam o perigo para salvarem as donzelas indefesas. Na representação da cena do trasgo, temos uma releitura desse clássico roteiro narrativo ao longo da trajetória do herói. No entanto, “quando Hermione é escolhida sem hesitação pelo Chapéu Seletor para a casa da Grifinória sabemos que ela não é apenas inteligente” (DRESANG, 2002, p.226, tradução nossa) e como a constituição da identidade é um processo contínuo e em constante movimento, a coragem aos poucos vai transparecendo na personagem. Quando os colegas a salvam do ataque do trasgo, deixam o monstro inconsciente no chão do banheiro. Uma das professoras de Hogwarts chega ao local e desaprova a bagunça, mas antes que ela dirija o sermão, Hermione defende os garotos e assume a culpa por estarem fora de seus aposentos, evitando que Harry e Rony sejam punidos pela situação – afinal eles estavam infringindo a recomendação que foi dada quando a direção da escola ficou sabendo da entrada do trasgo. Com a atitude a garota parece fazer as pazes com os meninos e os três se tornam amigos.

Ao longo da aventura em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000), o trio tenta descobrir o que está guardado em uma sala que é proibida para os alunos em Hogwarts. Hermione chega à resposta após intensas pesquisas na biblioteca, e descobre que o objeto mantido em segredo é a misteriosa pedra. Logo eles começam a desconfiar que um dos professores de Hogwarts quer roubá-la para usufruir de uma de suas propriedades: “o Elixir da Vida, que torna quem o bebe imortal” (Ibidem, p.190). Os três, portanto, decidem sair em busca da pedra antes que ela seja roubada, e para isso precisam passar por uma série de encantamentos que protegem o objeto. O primeiro desafio é passar por um enorme cão de três cabeças que só se acalma quando ouve música. Depois, Rony usa suas estratégias para vencer uma partida de xadrez de bruxo, Harry usa suas habilidades de voo para capturar uma chave voadora que abre uma das portas e Hermione usa seu conhecimento e habilidade com feitiços para evitar que os amigos sejam esmagados por uma planta chamada “visgo-do-diabo”, que mata por asfixia qualquer ser vivo que se aproxima. Além disso, a menina utiliza o seu raciocínio lógico para decifrar um enigma escrito em que é preciso escolher duas entre sete poções a serem bebidas sem que haja o equívoco de acabarem tomando as venenosas.

*Hermione deixou escapar um grande suspiro e Harry, perplexo, viu que ela sorria, a última coisa que ele tinha vontade de fazer.*  
*- Genial - disse - Isto não é mágica, é lógica, uma charada. A maioria dos **grandes bruxos** não tem um pingo de lógica, ficariam presos aqui para sempre (ROWLING, 2000, p.244, grifo nosso)*

A autora confirma a relevância da personagem para a trama ao colocá-la como a peça essencial para resolução desse enigma. Parece que, afinal, os fãs souberam interpretar a obra ao dizer que “sem Hermione Harry teria morrido no primeiro livro”, pois as chances de o menino ter escolhido o frasco de poção errado seriam maiores sem a amiga por perto. O trecho acima também nos deixa uma pista do que podemos esperar das representações que delinearão a identidade de Hermione nos próximos livros: se a maioria dos grandes bruxos não tem a capacidade lógica desenvolvida, uma jovem bruxa que consegue apresentar essa e ainda outras qualidades com destreza é, no mínimo, uma personagem promissora.

## Saberes e subversão: à guisa de conclusões

De acordo com Candido (2011), pelo fato de atuar no subconsciente e no inconsciente humano, a literatura fornece as bases para uma reflexão acerca da realidade, conduzindo-nos a uma interpretação crítica das ações e representações dos personagens num paralelo com as atitudes humanas. Sob a ótica do gênero, constatamos que Hermione desenvolve um empoderamento por intermédio do saber, que a leva à conquista de uma posição de destaque entre os alunos de Hogwarts e de suma importância para o desenrolar da trama em torno do protagonista.

Hermione é uma personagem composta de múltiplas identidades, que vão desde o estereótipo da representação feminina – quando ela demonstra a sensibilidade do choro ou quando transparece o medo típico das donzelas indefesas de contos de fadas – até a subversão dela – quando contesta os colegas homens, quando se aventura junto com eles na perigosa tarefa de resgatar a pedra filosofal ou pelo simples fato de estar sempre ao lado do protagonista sem ocupar o conservador lugar-comum de parceira afetiva dele. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 177). A pluralidade identitária de

Hermione faz com que repensemos as representações e práticas convencionalmente relacionadas à identidade feminina, enxergando-as de maneira mais desconstruída e menos estereotipada.

## Referências bibliográficas

**BAUMAN**, Zygmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

**BORDINI**. Maria da Glória. “Estudos culturais e estudos literários”. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, vol.41, nº 3.

**CANDIDO**, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

\_\_\_\_\_. “A personagem no romance”. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CEVASCO, Maria Elisa. **As dez lições sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

DRESANG, Eliza T. “Hermione Granger and the Heritage of Gender”. In: Whited, Lana A. (org.). **The Ivory Tower and Harry Potter: Perspectives on a Literary Phenomenon**. Columbia/London: University of Missouri Press, 2002, p. 211-242. Disponível em <https://harrypottersummer2011.files.wordpress.com/2011/05/hermione-granger-and-the-heritage-of-gender.pdf>. Acesso em: 21 de maio 2018.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. ‘Uma Cinderela moderna e seus encantamentos: análise da obra Harry Potter e a Pedra Filosofal, de J.K. Rowling’. In: DEBUS, Eliane Debus; MICHELLI, Regina (orgs). **Entre fadas e bruxas - o mundo feérico dos contos de fadas para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro, RJ: DP&A Editora, 2011.

NICHOLSON, Linda. ‘Interpretando o gênero’. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 8, n.2: 2000, p. 09-41.

ROCHA, F.N.; BERNARDINO, A.V.S. ‘O papel da identidade cultural e da representação social na construção da subjetividade na sociedade pós-moderna’. In: **Revista Mosaico**, 2013, Jan./Jun.; 04 (1): p. 35-39.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. SCOTT, Joan Wallach. Gênero: “Uma categoria Útil de Análise Histórica”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, p. 71-99.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

## **Identities in movement: Hermione and the Philosopher's Stone**

**Abstract:** Hermione Granger is one of the most beloved characters in the *Harry Potter* series. Marked by her dedication to studies, the young witch is the best friend of the protagonist Harry and colleague Ron Weasley, with whom she lives numerous adventures throughout the series. Due to the great popularity of a female character within a mostly male magical universe, the aim of this article is to list possible representations of Hermione in the first book series, *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (2000), and to reflect on how they collaborate to constitute the identity(ies) of the character. From the hermeneutic method, the theoretical bases of Cultural Studies by Raymond Williams (2007) and Terry Eagleton (2000; 2006) were used to relate the concept of postmodern identity, as defined by Stuart Hall (2001) and Zygmunt Bauman (2005). In addition, the gender notions of Joan Scott (1995) and Linda Nicholson (2000) were brought together with the analyzes of Dresang (2002) to understand how is the relations of power and sexual differentiation in witchcraft society in *Harry Potter*, from the character Hermione.

**Keywords:** Character, Gender, Identity, Representation, Culture.